



LANDELL DE MOURA OU MARCONI, QUEM É O PIONEIRO?

César Augusto Azevedo dos Santos

Universidade de Passo Fundo

Há pelo menos dois casos de pioneirismo de cientistas brasileiros no desenvolvimento de trabalhos de pesquisa que resultaram em inventos de grande importância para a humanidade. São eles, Alberto Santos-Dumont e Padre Roberto Landell de Moura. Santos-Dumont foi o primeiro a flutuar num balão dirigível e voar publicamente em um avião. No entanto, coube aos irmãos norte-americanos Wilbur e Orville Wright a primazia de patentear o invento e a glória de inscreverem seus nomes na História como os pais da aviação.

O curso do tempo não se moveu de forma diferente em relação ao padre e cientista gaúcho Roberto Landell de Moura. Enfrentando uma série de limitações, inclusive carência de apoio oficial, Landell de Moura pode ter promovido a primeira transmissão da voz humana sem a utilização de aparelhos ligados por fios. Neste caso, as honras da História ficaram com o cientista italiano Guglielmo Marconi que realizou proeza semelhante.

É preciso recuperar a trajetória de Landell de Moura enquanto cientista, para demonstrar que o padre, nascido em Porto Alegre, em 1861, apesar do ineditismo de seus inventos, ainda não recebeu dos historiadores e da sociedade brasileira o devido reconhecimento pelo seu trabalho científico.

A preciosidade dessa História justifica a busca de elementos que apontem Landell de Moura como o verdadeiro precursor dos princípios que resultaram na difusão da palavra, ou então, que se aprofunde o conhecimento dos fatos que não permitiram que ele obtivesse o devido reconhecimento pelos seus inventos.



Landell de Moura e a Igreja

Roberto Landell de Moura, nasceu em Porto Alegre, em 21 de janeiro de 1861, sendo seus pais Inácio José Ferreira de Moura e Sara Mariana Landell de Moura, ambos descendentes de tradicionais famílias rio-grandenses, com ascendência inglesa.

Estudou com o pai as primeiras letras. Depois freqüentou a Escola Pública do Professor Hilário Ribeiro, no bairro da Azenha, e a seguir entrou para o Colégio do Professor Fernando Ferreira Gomes. Com 11 anos, em 1872, estudou no Colégio Jesuíta de Nossa Senhora da Conceição, de São Leopoldo-RS, onde concluiu o curso de Humanidades. Após seguiu para o Rio de Janeiro, onde foi cursar a Escola Politécnica. Em companhia do seu irmão Guilherme, seguiu para Roma, matriculando-se a 22 de março de 1878 no Colégio Pio Americano e na Universidade Gregoriana. Em 28 de outubro de 1886 foi ordenado Padre.

Retornou ao Rio de Janeiro em 1886, residindo no Seminário São José e, neste mesmo ano, reza sua primeira missa na Igreja do Outeiro da Glória para Dom Pedro II e toda sua corte. Teve oportunidade de expor suas idéias sobre transmissão do som e da imagem ao Imperador. Substituiu o coadjutor do capelão do Paço Imperial, mantendo, ainda, palestras de caráter científico com Dom Pedro II.

No dia 28 de fevereiro de 1887 foi nomeado capelão da Igreja do Bomfim e professor de História Universal no Seminário Episcopal de Porto Alegre. A 25 de março de 1891 foi conduzido a vigário, por um ano, na cidade de Uruguaiana-RS. Em 1892 é transferido para o Estado de São Paulo, onde foi vigário em Santos, Campinas e capelão do Colégio Santana. Em julho de 1901 partiu para os Estados Unidos. Retornou a São Paulo em 1905, dirigindo as Paróquias de Botucatu e Mogi das Cruzes. Em 1908 voltou ao Rio Grande do Sul onde dirigiu a Paróquia do Menino Deus e, em 1916, a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário.

Roberto Landell de Moura foi Cônego do Cabido Metropolitano de Porto Alegre. Em 17 de setembro de 1927 foi elevado, pelo Vaticano, a Monsenhor, e seis meses antes de falecer, nomeado Arcediago. Aos 67 anos, no dia 30 de junho de 1928, sábado, às 17:45



horas, morreu anonimamente, abatido pela tuberculose, num modesto quarto da Beneficência Portuguesa de Porto Alegre.

O cientista

Concluídos seus estudos em São Leopoldo - RS, o passo seguinte foi a transferência para o Rio de Janeiro. Existe uma controvérsia entre alguns autores quanto ao ano em que Landell de Moura mudou-se para a capital do Império. FORNARI (1984) afirma que a mudança ocorreu “*por volta de 1879*”, enquanto ALMEIDA (1983) assegura em sua obra que ela teria se dado entre 1877 e 1878, uma vez que, em março de 1878, o padre gaúcho encontrava-se matriculado, ao mesmo tempo, no Colégio Pio Americano e na Universidade Gregoriana, em Roma, na Itália.

Certo, porém, é que Landell de Moura, poucos meses depois de chegar à Capital do Império, atendeu ao convite do irmão Guilherme para seguirem para Roma com a finalidade de estudar Direito Canônico no Colégio Pio Americano. Na Universidade Gregoriana, Landell de Moura ingressou no curso de Física e Química.

A possibilidade de se dedicar, simultaneamente, ao aperfeiçoamento de suas vocações para o sacerdócio e à ciência num país europeu, onde o conhecimento tecnológico e científico encontrava-se mais desenvolvido, foi determinante para a formação do padre-cientista gaúcho.

Dotado de uma consistente formação cultural, Landell de Moura, ao sair de sua cidade natal - que refletia um contexto de baixa urbanização e desenvolvimento tecnológico - para instalar-se em Roma, encontrou campo fértil para expandir sua curiosidade intelectual a partir da convivência com uma nova realidade cultural, social e econômica.

Foi em Roma que ele concebeu as primeiras idéias acerca de sua teoria da unidade das forças físicas e a harmonia do universo. Esta teoria de Landell de Moura tinha, entre outros enunciados, o de que “*a harmonia do universo está na unidade das forças e a unidade*



das forças reside no movimento; a harmonia do universo se manifesta pelo equilíbrio das forças, a qual tem origem na ação e reação” (ALMEIDA, 1983, p. 79).

De volta ao Rio de Janeiro, a convivência na Corte possibilitou o estabelecimento de duradouras conversas com D. Pedro II, que desde 1856 dedicava interesse aos trabalhos desenvolvidos por cientistas sobre a transmissão do som (FORNARI, 1984, p. 40).

Mesmo voltando ao Rio Grande do Sul, em 1887, distante do Rio de Janeiro e de São Paulo, teve a oportunidade de atualizar-se, através da imprensa, publicações e correspondências, com o desenvolvimento, na Alemanha, dos trabalhos científicos de Heinrich Rudolph Hertz sobre as ondas eletromagnéticas, usando a Bobina de Ruhmkorff e descobrindo o centelhador, aparatos utilizados mais tarde por Landell de Moura em seu transmissor de ondas (ALBUQUERQUE, 1993, p. 40).

Em 1892, o padre-cientista foi transferido para São Paulo, que juntamente com o Rio de Janeiro, constituíam os centros tecnológicos do Brasil. Desde então, foi adquirindo materiais para seus primeiros inventos, mas enfrentava o problema da inexistência de técnicos para auxiliá-lo num campo novo da Física, a eletrônica (ALBUQUERQUE, 1993, p. 43).

Entre os anos de 1893 e 1894 o padre gaúcho dirige-se de Campinas para São Paulo, levando nos braços seus inventos e com o firme propósito de demonstrar publicamente suas teorias sobre a transmissão da voz sem a utilização de equipamentos ligados entre si por um fio. Embora muitos duvidassem, alguns paulistanos interessaram-se pelo assunto e pediram ao padre gaúcho que comprovasse suas afirmações.

Ele realizou, então, várias experiências exitosas de transmissão e recepção da palavra falada, segundo FORNARI (1984). A mais célebre delas, levada a efeito com a intenção de interessar às autoridades e conseguir financiadores para o aperfeiçoamento e exploração industrial de seu invento, deu-se do alto da Avenida Paulista ao Alto de Sant’Ana, numa distância aproximada de oito quilômetros, em linha reta.

Foram apresentados três aparelhos inéditos ao público. Um transmissor de ondas, um telégrafo sem fios e um telefone sem fios. Essa transmissão do padre Roberto Landell de Moura deu-se mais de um ano antes da primeira e elementar experiência realizada por Guglielmo Marconi, em Pontecchio, perto de Bolonha, na primavera de 1895. Entretanto,



apenas dois dias após a demonstração realizada na Avenida Paulista, o cientista brasileiro sofreria uma profunda decepção em Campinas, como relata FORNARI (1984, p. 44):

(...) o que ali se passara só encontra paralelo nas cenas bárbaras verificadas na Idade Média, durante as perseguições aos feiticeiros: tendo repercutido na cidade a notícia de que havia o padre, dois dias antes, na capital bandeirante, conseguido através de sua máquina infernal, conversar mais uma vez com pessoas colocadas a quilômetros de distância, meia dúzia de fiéis desvairados, como um bando de energúmenos, havia invadido seu modesto mas precioso laboratório e destruído todos os seus aparelhos, ferramentas e utensílios.

Ainda em 1900, apesar de toda sorte de vexames e dificuldades financeiras consegue uma Patente brasileira, de número 3.279, expressamente concedida para um aparelho apropriado à transmissão da palavra à distância, com ou sem fios, através do espaço, da terra e da água.

Uma nova experiência realizada no Alto de Sant’Ana, cidade de São Paulo, em julho de 1900 foi assistida, entre outras pessoas, por um representante do Governo Britânico. O fato foi assim registrado pelo Jornal do Comércio de São Paulo, edição do dia 10 de julho de 1900:

No Domingo próximo passado, no Alto de Sant’Ana, cidade de São Paulo, o padre Roberto Landell de Moura fez uma experiência particular com vários aparelhos de sua invenção, no intuito de demonstrar algumas leis por ele descobertas no estudo da propagação do som, da luz e da eletricidade, através do espaço, da terra e do elemento aquoso, as quais foram coroadas de brilhante êxito.

Sem alcançar em solo brasileiro o reconhecimento e apoio desejado para dar continuidade ao seu trabalho, o cientista decide transferir-se para os Estados Unidos, em busca de um tratamento mais sério da parte das autoridades científicas e governamentais. A escolha recaiu sobre o país norte-americano devido este já ser, na época, a Meca dos inventores.

A transferência ocorreu no início de 1901, quando Landell de Moura viajou para os Estados Unidos sem apoio oficial. Naquele país, viveu por três anos, durante os quais impressionou os meios científicos norte-americanos com seus inventos: a telefonia sem fio, o telégrafo sem fio e o transmissor de ondas (FORNARI, 1984, p. 49).



Depois de um exaustivo trabalho em território estrangeiro, Landell de Moura, obteve, junto ao *The Patent Office at Washington*, as Patentes ambicionadas, sob números 771 917, de 11 de outubro de 1904 (transmissor de ondas); 775 337, de 22 de novembro de 1904 (telefone sem fio) e 775 846, da mesma data (telégrafo sem fio) (FORNARI, 1984, p. 53).

Divulgada a notícia da concessão das três Patentes, empresários norte-americanos interessados na exploração industrial dos inventos de Landell de Moura, passaram a disputar os direitos de propriedade sobre eles, oferecendo “sommas realmente fabulosas” ao cientista rio-grandense (FORNARI, 1984: p 55).

Landell de Moura, entretanto, preferiu recusá-las asseverando que “*os inventos já não mais me pertencem. Por mercê de Deus, sou apenas o depositário deles. Vou levá-los para minha Pátria, o Brasil, a quem compete entregá-los à humanidade*” (FORNARI, 1984: p 57).

Landell retorna ao Brasil no início de 1905, pensando em permanecer poucos meses no Rio de Janeiro para depois retornar a Nova Iorque, onde teria mais recursos técnicos e tecnológicos para prosseguir seus experimentos e patentear outros seis importantes inventos, depois desaparecidos.

Assim que chegou ao Brasil, Landell de Moura enviou correspondência ao então presidente da República, Rodrigues Alves, solicitando dois navios da esquadra de guerra para uma demonstração prática de suas teorias. O presidente designou um de seus assistentes civis para encontrar-se com o cientista, a fim de acertar a realização do experimento.

Ao ser inquirido pelo assistente presidencial sobre a distância a que deveriam estar os navios um do outro para levar a cabo a experiência, o padre-cientista respondeu que poderia ser a máxima distância possível, pois, seus aparelhos, no futuro, serviriam até para comunicações interplanetárias.

Assombrado, o assistente ao dar retorno de sua tarefa ao presidente Rodrigues Alves anunciou “*Excelência, o tal padre é positivamente maluco. Imagina que ele chegou até a falar-me na possibilidade de conversar um dia, com outros mundos*”. Como resultado, Landell de Moura recebeu telegrama da Secretaria da Presidência da República informando-



lhe de que no momento não seria possível atender seu pedido, devendo aguardar uma futura oportunidade (FORNARI, 1984, p. 62).

Muitos anos depois, em 1924, quando já estava radicado novamente na capital gaúcha, Landell de Moura externou sua mágoa em entrevista ao Jornal Última Hora, de Porto Alegre:

Naquela época, quando regresssei dos Estados Unidos, pensava passar apenas três meses na minha Pátria, voltando de novo a Nova Iorque a fim de prosseguir os meus estudos. Mas o homem põe e Deus dispõe. Por motivos inteiramente alheios à minha vontade, não pude voltar. Tive que permanecer no Brasil, forçado também a abandonar os meus estudos experimentais e meios indispensáveis à prática dos mesmos.

A literatura estrangeira acerca da História da Comunicação, largamente utilizada em estudos e ensino acadêmicos, inclusive no Brasil, é prodigiosa em citar Marconi como o gênio que desenvolveu a tecnologia de transmissão da voz humana sem a utilização de fio, invento que resultaria, mais tarde, na criação do rádio.

Na concepção de LOMBARDI (1987, p. 183),

As experiências sobre a radiodifusão tinham começado muitos anos antes, desde 1896, quando Guglielmo Marconi conseguiu transmitir a voz através de ondas elétricas na histórica experiência realizada em Pontecchio, próximo de Bolonha, criando, na prática, a primeira antena irradiadora.

DeFLEUR e BALL-ROKEACH (1993, p. 110) complementam dizendo que Marconi:

Construiu aparelhos cada vez maiores que alcançavam distâncias também maiores. Acabou sendo transposto até o Atlântico. Conquanto a obra de Marconi talvez não haja adiantado extraordinariamente a ciência básica, representou um passo extremamente significativo na evolução do rádio como meio instantâneo de comunicação de grande alcance.

Em THOMPSON (1995) há uma reafirmação destes autores, indicando, inclusive, a data do registro da patente de sua invenção quanto ao uso de ondas eletromagnéticas na comunicação sem fio. Também em ensaio de POOL (1992), há referência ao descobrimento dessas ondas que possibilitaram a propagação de sinais radiotelegráficos de um país para outro.

Observa-se que não é feita qualquer menção ao nome do Padre Roberto Landell de Moura, contemporâneo de Marconi, que colocou em prática um invento semelhante, além de desenvolver outros que anteciparam o princípio da televisão e a utilização do raio laser.

Contra-pondo-se à história oficial, há uma significativa literatura no Brasil que denuncia uma injustiça contra Landell de Moura e que registra o seu nome como o verdadeiro “pai” do rádio.

O mais entusiasta defensor do pioneirismo de Landell é FORNARI (1984, p. 34-35):

Ora, sabe-se que foi somente em 1895, com idade de 21 anos apenas, que Marconi fez a primeira dissertação sobre telegrafia sem fio. Sabe-se que o ainda quase adolescente físico italiano patenteou sua descoberta logo no ano seguinte, a 12 de setembro de 1896, na Inglaterra, para onde, como já foi dito, tão inteligentemente se transferira (...) Isto esclarecido, saiba-se agora que as primeiras experiências de transmissão e recepção sem fio, efetuadas com pleno êxito pelo nosso patrício Padre Roberto Landell de Moura (...) tiveram lugar entre os anos de 1893 e 1894. Saiba-se mais que, seus inventos só foram patenteados, um em 1900, e outros mais tarde - o que lhe tirou a prioridade científico-oficial.

ALBUQUERQUE (1993, p. 16) igualmente registra o pioneirismo de Landell de Moura:

En el año de 1894, Landell de Moura realizó, en São Paulo, en la parte alta de la Av. Paulista (...) Fueron las primeras transmisiones-recepciones, en fonía y telegrafía, con un sistema-fotónico-electrónico, en una distancia de ocho kilómetros, en 3 de junio de 1900 en lo alto de Santa Ana, ciudad de São Paulo, hizo nuevas demostraciones con los sistemas citados, registrados por la prensa de la época.

Outros estudiosos brasileiros se ocuparam da biografia de Landell de Moura e comemoram o vanguardismo do cientista. Entre eles, destacam-se Hamilton Almeida, Reynaldo Tavares, Octávio Vampré e Mário Ferraz Sampaio. A partir desta controvérsia, considera-se que a História da Comunicação poderia, no mínimo, oferecer o benefício da dúvida ao inventor gaúcho.

O pioneirismo de cada um

As invenções pioneiras do brasileiro Roberto Landell de Moura, no campo das comunicações eletrônica-fotônica foram por ele jurídica e tecnicamente registradas numa patente nacional e três patentes no exterior. Embora haja caducidade dos direitos destas

patentes, há muitas décadas, elas representam marcos do início das telecomunicações mundiais por fonia.

O Brasil, junto com comunidade científica, embora adotando oficialmente, essas invenções, na época, até hoje não reivindicou o pioneirismo nacional. A evolução da telecomunicação eletrônica abrange, até a atualidade, três períodos: emissão por centelhamento (Oscilador de Hertz); emissão termoiônica (válvula); emissão transistorizada (transistor). (ALBUQUERQUE, 1988: p 50).

De acordo com ALBUQUERQUE (1998), as diferenças técnicas entre as invenções dos dois cientistas são: Marconi patenteou na Inglaterra, sob o nº 12.039-1, de 12/09/1896, somente a transmissão-recepção eletrônica por centelhamento dos sinais telegráficos em Código Morse. Landell de Moura, já em 1894, em São Paulo, fazia experiências públicas em telegrafia e fonia, pelo mesmo sistema de Marconi, acrescido do sistema fotônico (emissão de feixes de luz ou fótons) em telegrafia e fonia.

Landell de Moura patenteou, no Brasil, em 09/03/1901, sob nº 3.279, esse seu sistema fotônico-eletrônico. Desta forma, “o cientista brasileiro inovou, em relação a patente de Marconi, a prioridade na transmissão-recepção mundial da palavra, ou fonia, em emissão fotônica-eletrônica, até então sem patentes mundiais”. (ALBUQUERQUE, 1998).

A posição de ALBUQUERQUE incide uma nova luz sobre a polêmica de quem, na verdade, foi o pioneiro na radiodifusão. Genericamente a discussão do pioneirismo se trava a partir do pressuposto de que Landell e Marconi desenvolveram experiências idênticas e que o fato do cientista italiano ter patenteado primeiro seu invento lhe daria, então, a primazia.

Entretanto, verifica-se que se tratam de invenções apenas semelhantes, pois “Marconi é o iniciador da emissão-recepção eletrônica telegráfica. Landell de Moura é o pioneiro da emissão-recepção fotônica-eletrônica em fonia, sendo o precursor da radiodifusão”. (ALBUQUERQUE, 1988: p 50).

A observação está baseada nos estudos das patentes internacionais de Marconi e Landell de Moura. Ao fazer suas transmissões, publicamente, em São Paulo, o padre-cientista é o primeiro radioamador em telegrafia fonia e o primeiro comunicador da radiodifusão com a continuação dos contatos no País e Exterior.

Como conseqüência de suas descobertas, a Marinha de Guerra do Brasil, logo no retorno de Landell de Moura dos Estados Unidos, em 1905, realizava experiências com a



telegrafia por centelhamento, no encouraçado Aquidabã. Foram usados os aparelhos patenteados pelo cientista gaúcho em 1901 no Brasil e 1904 nos Estados Unidos. A Marinha de Guerra é a pioneira no Brasil, da radiotelegrafia permanente (ALBUQUERQUE, 1988, p 48).

Dentro dos mesmos princípios técnicos, a antiga Repartição Geral dos Telégrafos-RGT, em 1910, iniciou a organização da primeira rede radiotelegráfica por centelhamento, com oito estações, cobrindo a costa brasileira, de norte a sul. É a primeira rede radiotelegráfica em terra, sendo a pioneira da América do Sul.

Utilizando em parte, princípios semelhantes aos das patentes de Landell de Moura, os equipamentos da Marinha e da RGT eram produzidos na Inglaterra ou na Alemanha, pela Marconi ou Telefunken. O que parece ser uma ironia do destino revela, no entanto, uma diferença essencial entre os dois cientistas. O fato dos equipamentos utilizados no Brasil serem produzidos pela empresa de Marconi elucidam a visão empresarial que o cientista italiano sempre teve em relação às suas pesquisas e a recepção numa “sociedade moderna” que as mesmas tiveram, diferente de Landell de Moura no Brasil.

Por não obter, num primeiro momento, apoio dos governantes italianos é que Marconi transferiu-se para a Inglaterra para dar continuidade aos seus experimentos, agora sim com apoio oficial. Em 1897 ele organiza em Londres sua primeira empresa, a Marconi's Wireless Telegraph Company Limited, com a finalidade de explorar comercialmente as patentes que lhe foram concedidas. O sucesso da invenção levou o governo italiano a convidá-lo para montar uma estação em La Spezia, de onde conseguiu estabelecer contato com navios situados a uma distância de 12 milhas.

Em 1907 a navegação passou a utilizar comercialmente o invento. Graças aos excelentes resultados obtidos com o emprego da radiotelegrafia no salvamento de navios, leis foram promulgadas em numerosos países, em 1909, tornando-se obrigatório o uso de instalações para aquele fim nos navios. Ainda em 1909, partilhou o Prêmio Nobel de Física com Karl Ferdinand Braun e foi nomeado para o Senado italiano.

Oficial do exército e depois da marinha, durante a I Guerra Mundial, aperfeiçoou a aplicação da radiotelegrafia nas operações militares. Em 1916 construiu os primeiros aparelhos de ondas curtas, melhorando o sistema de transmissões a grande distância. A partir daí, Guglielmo Marconi, recebeu diversas honrarias de diferentes governos.



Em 1923, ingressou no Partido Fascista como membro do Grande Conselho Fascista, sendo também presidente da Academia Real Italiana. Em 1929 recebeu o título de marquês. Em 1931, comprimindo um botão em Roma, Marconi transmitiu sinais de rádio que ligaram o comutador geral da iluminação do monumento ao Cristo Redentor, erguido no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro.

O mito

Muito embora as razões que embasam a defesa de Landell de Moura como o verdadeiro precursor da radiodifusão possam ser consideradas consistentes, se observa que os autores brasileiros citados no estudo, via de regra, tendem a mitificar a imagem do cientista gaúcho, estabelecendo um contraponto a de Marconi, sutilmente apresentado no papel de “vilão”.

Recortando-se dos escritos de autores brasileiros a parte relativa ao trabalho científico de Landell de Moura, é possível visualizar no restante uma tendência à mitificação de sua figura. O padre é sempre descrito como um personagem desprovido de qualquer tipo de ambição material, de porte físico fragilizado, altruísta, estigmatizado como louco, perseguido por fiéis da Igreja e que, apesar da falta de apoio governamental e da Igreja Católica, conseguiu realizar experimentos importantes para a humanidade.

Os autores brasileiros citados neste estudo, tendem a atribuir o não reconhecimento de Landell de Moura como o precursor da radiodifusão, especialmente à falta de apoio institucional, desconsiderando o contexto sócio-conômico vigente na época e a trajetória de Marconi.

A exemplo de Landell de Moura no Brasil, Marconi também teve suas pesquisas tratadas com pouco caso pelas autoridades italianas, depois da experiência de radiotelegrafia realizada em La Spezia, em 1897. A diferença, é que pode transferir-se para a Inglaterra imediatamente, recebendo incentivo para prosseguir seu trabalho. De acordo com SOLARI (1942, p. 6), as relações de Marconi com o governo italiano “*permaneceu rompida por quatro anos*”.

Marconi também encontrou resistências iniciais das autoridades de seu país em relação aos seus inventos. A diferença é que conseguiu pelo menos o apoio da Marinha Real para



realizar o experimento de La Spezia, em 1897, o que Landell de Moura não obteve no Brasil, embora tenha tentado junto à Marinha brasileira.

Não obstante ter conseguido demonstrar suas experiências no campo da radiotelegrafia, Marconi teve que buscar na Inglaterra o apoio institucional e reconhecimento iniciais. Isso, causou-lhe problemas políticos em sua pátria, inclusive, desgosto da parte de seus familiares, pois muitos passaram a considerá-lo até como um traidor (SOLARI, 1942).

Uma diferença marcante entre a trajetória de Landell de Moura e Marconi, se encontra no contexto em que cada qual desenvolveu seus inventos. Na Europa, já existia uma tradição nos estudos científicos e tecnológicos quando Marconi iniciou os seus. O interesse demonstrado pela Marinha italiana e depois inglesa por suas experiências é reflexo dessa tradição.

Naquele período o Brasil ainda engatinhava neste campo, conforme NAGAMINI (1994) somente a partir de 1874 houve uma difusão de escolas de engenharia. O fato de o Brasil não possuir tradição no ensino e na pesquisa tecnológica na época em que Landell iniciou e realizou seus experimentos, se por um lado aumenta o mérito do inventor gaúcho, por outro revela que a inexistência de uma “cultura” social mais aguçada em relação às pesquisas científicas pode ter sido o fator determinante da resistência das autoridades em aceitar a aplicabilidade prática dos mesmos.

Este é um aspecto não considerado pelos autores brasileiros na sua defesa dos inventos de Landell de Moura como pioneiros diante de Marconi. Tal posicionamento deixa transparecer a idéia de que o cientista italiano assume a imagem de “vilão”, uma vez que obteve o reconhecimento mais em razão de seu espírito empresarial, que Landell de Moura não tinha, do que pelo mérito de seus estudos. Na verdade, o contexto europeu de então é que direcionou seu pensamento neste sentido e a aceitação de seus experimentos numa perspectiva comercial pela sociedade.

A questão central, no aspecto da primazia do invento, é que não existe prova documental de que Landell de Moura efetivamente realizou a experiência de 1893/1894, na Avenida Paulista, em São Paulo. Há o registro em jornais da experiência desenvolvida em 1900, no mesmo local, e com a presença do Sr. Lupton, representante do Governo Britânico no Brasil.



Os autores brasileiros reproduzem a informação da experiência de 1893, baseados em FORNARI, o primeiro a ocupar-se de Landell de Moura, em livro publicado em 1960, pela Editora Globo, de Porto Alegre. A obra foi, mais tarde, reeditada pela Biblioteca do Exército. As publicações editadas pela FEPLAM-Fundação Educacional e Cultural Padre Landell de Moura, em forma de livros, revistas e vídeos, também se baseiam em FORNARI.

Somente ALMEIDA (1983) mostra reserva em tomar como fato irrefutável a realização por Landell de Moura da experiência de 1893/1894, o que poderia encaminhar concretamente a revisão do pioneirismo de Marconi como precursor da radiodifusão.

Se a dúvida persiste em razão da falta de comprovação da transmissão de 1893/1894, contra a qual concorre a patente obtida por Marconi em 1896 sobre a radiotelegrafia, comprova-se a tese de que a primeira transmissão de radiofonia foi mesmo a de Landell de Moura, ainda que se considerar a experiência de 1900. Neste período e por mais alguns anos, Marconi ocupou-se tão somente da radiotelegrafia, e não da transmissão da voz.

Quando mudou-se para a Inglaterra, Marconi empenhou-se em viajar da Europa até o Canadá e Estados Unidos para realizar as primeiras transmissões radiotelegáficas intercontinentais, centrando neste propósito seus estudos. Nesta época, Landell de Moura já havia obtido a patente brasileira de seu invento.

FORNARI (1984) de forma legítima, neste aspecto, defende o pioneirismo de Landell de Moura, reduzindo, no entanto, a eficácia de seu estudo na medida em que sugere perseguições e restrições da Igreja Católica ao trabalho do padre gaúcho, sem a necessária comprovação documental das mesmas. Assim ocorre com os demais autores, exceção feita a ALMEIDA (1983) e ALBUQUERQUE (2000).

Cria-se a imagem idealizada de um Landell de Moura abandonado à própria sorte, de constituição física frágil, desprovido de recursos financeiros, sofrendo restrições da Igreja quanto ao seu trabalho científico e sem apoio institucional (FORNARI, 1984). Lutando contra isso, consegue até ir para os Estados Unidos, patentear seus inventos. Em oposição, encontra-se um Marconi oriundo de boa família, “esperto” e apoiado pelas autoridades governamentais, além do Papa Pio XI.



Por que não?

As polêmicas mais significativas na trajetória do padre-cientista gaúcho repousam nas supostas omissões do Poder Público e da Igreja Católica, que teriam sido, de acordo com alguns dos autores citados, de grande influência para que sua obra não fosse até hoje reconhecida e referenciada no mundo científico.

Os autores brasileiros que analisaram seu trabalho são unânimes em afirmar que tivesse o governo republicano mostrado interesse e valorizado a experiência proposta por Landell de Moura e, mais que isso, apoiado financeiramente a continuidade das suas pesquisas nos Estados Unidos, como ele desejava por encontrar-se lá o desenvolvimento tecnológico compatível, possivelmente o nome do cientista brasileiro teria, hoje, outra dimensão no mundo das ciências.

Na fase inicial de suas experiências, como aquela levada a efeito em 1893, na Avenida Paulista, em São Paulo, é de certa forma compreensível um sentimento de dúvida de autoridades e população diante do novo que ali se expunha. Mas a partir do instante em que o próprio governo concede uma patente ao inventor brasileiro e o governo norte-americano outras três, é de supor que, oficialmente, lhe fosse dedicado um outro tratamento.

Quando se trata da Igreja Católica, entretanto, a análise de como ela se portou no processo que culmina com o não reconhecimento de Landell de Moura como o precursor da radiodifusão não revela a mesma nitidez observável no caso do Estado. De um lado está o Poder Público, que entre suas atribuições está implícita a de promover o desenvolvimento científico e cultural da nação, destinando para isso parte dos recursos que gerencia. Neste aspecto, se naquele momento histórico a autoridade governamental entendesse como importante o trabalho que estava sendo desenvolvido por Landell de Moura, teria base legal para financiar suas pesquisas.

Tal situação não se aplica à Igreja Católica, embora fosse Landell de Moura um sacerdote, uma vez que apoiar ou financiar pesquisa científica não é a atividade fim das instituições religiosas. Não obstante, pela importância e influência que a Igreja Católica exerceu e exerce na sociedade brasileira e mundial, enquanto instituição que congrega milhões de fiéis em todos os níveis da estrutura social, se julgasse pertinente defender o



pioneirismo do Padre Landell de Moura, talvez obtivesse um resultado, no mínimo, satisfatório.

Nada disso impede, porém, que hoje essa discussão seja retomada com o objetivo de se processar uma revisão da história da comunicação a fim de que o nome de Landell de Moura também passe a ser citado, pelo menos, como um dos precursores da radiodifusão. Por que não?

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Otto. *En el aire: la luz que habla*. Porto Alegre: FEPLAM, 1993
- ALMEIDA, B. Hamilton. O outro lado das telecomunicações: a saga do Padre Landell. Porto Alegre, Sulina/ARI, 1983.
- DeFLEUR, Melvin e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FEPLAM. *O homem que apertou o botão da comunicação*. 2 ed. Porto Alegre: FEPLAM, 1977.
- FORNARI, Ernani. *O incrível Padre Landell de Moura*. 2 ed. RJ: Biblioteca do Exército, 1984.
- GIOVANNINI, Giovanni - (org). *Evolução na comunicação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- SAMPAIO, Mario Ferraz. *A história do rádio e da TV no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: **Achiamé, 1984.**
- SOLARI, Luigi. *Sui mari e sui continenti com le onde elettriche: il trionfo di Marconi*. Milano: Fratelli Bocca, 1942.
- TAVARES, Reynaldo C. *Histórias que o rádio não contou*. São Paulo: Negócio Editora, 1997.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VAMPRÉ, Octávio Augusto. *Raízes e evolução do rádio e da televisão*. Porto Alegre: FEPLAM/RBS, 1979.
- VARGAS, Milton – (org). *História da técnica e da tecnologia no Brasil*. São Paulo: **UNESP/CEETEPS, 1994.**
- WILLIAMS, Raymond - (org). *História de la comunicación*. Barcelona: Bosch Comunicación, 1992.